

REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO E DA SAÚDE DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

João Luís Coletto da Silva

Universidade de Santa Cruz do Sul

Aline Caroline da Rosa

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

O atual contexto sócio-político vem projetando aumento da precarização do trabalhador em educação, gerando prejuízos não apenas no exercício do papel da docência, mas na própria condição de vida e saúde da classe trabalhadora. Um dos recortes utilizados nesta pesquisa foi o de entender melhor o trabalho dos docentes de Educação Física, pois são os trabalhadores que normalmente contêm a maior responsabilidade de promover a dimensão da saúde no âmbito da escolarização. Entretanto, entendemos que existe a necessidade de compreender como estão as condições de trabalho e saúde desta categoria, visto que os sentidos e as características deste componente curricular e da sua prática pedagógica podem gerar um desgaste mental ou físico diferente se comparado a outras disciplinas curriculares (CAU-BAREILLE, 2014).

Embora o trabalho da docência seja relacionado ao corpo em contínuo movimento físico, seja na escrita da lousa, na entrada e postura frente a turma, no tom de voz que vai ser enfatizado em cada situação, se o professor vai trazer materiais, quais serão as interações físicas a serem realizadas corporalmente na aula, etc., o contexto do trabalho nas aulas de Educação Física pode apresentar indícios que ampliem os desgastes emocionais ou físicos. Por exemplo, as condições das infraestruturas, a exposição frequente a distintas situações climáticas, o uso contínuo do corpo para a demonstração de alguma prática durante o exercício laboral, o transporte corriqueiro de uma variedade de materiais a diferentes espaços, entre outras exigências ou necessidades. Nesse caso são estes professores que acabam utilizando mais o corpo que os demais.

Nessa conjuntura, questionamo-nos qual é o contexto de precarização em que o professor de Educação Física está inserido atualmente? Para compreender melhor essa condição, é necessário conhecer o que a comunidade acadêmica tem denunciado ou

contribuído enquanto estratégias de resistência para a emancipação. Assim, o objetivo deste estudo é o de conhecer quais são as principais pautas problematizadas nas investigações referentes ao tema do trabalho e saúde dos docentes de Educação Física.

A presente busca está fundamentada em uma revisão bibliográfica realizada na plataforma digital *online* do portal Google Acadêmico no segundo semestre de 2021, com os seguintes descritores “saúde do docente de Educação Física”. Inicialmente foi feita a leitura dos resumos das produções encontradas, e com base no critério da categoria da *saúde* estar problematizada e relacionada com os fatores socioculturais, econômicos ou políticos, e não somente pelo aspecto da fisiologia, chegou-se a 40 pesquisas para uma análise mais aprofundada do material. Já em relação ao corpus teórico, as reflexões buscaram conexões com o tripé conceitual trabalho, educação e saúde, pois estas categorias dialogam e permitem compreender e analisar como vem se constituindo o trabalho do docente de Educação Física, bem como a forma como os professores estão projetados diante da atividade profissional integrada em uma sociedade capitalista.

De acordo com o material selecionado, foi percebido que as discussões estão compostas por linhas epistemológicas diferentes, dentre as quais se destacam a abordagem crítica, com o foco na problematização das condições do trabalho docente e a área das ciências da saúde, referente as teorizações de ordem do âmbito do bem-estar social e do estilo de vida. De forma geral, muitas das reflexões ressaltam que a cultura escolar e o entendimento acerca do sentido que a Educação Física está evidenciada em cada realidade, estão relacionados não apenas com questões alusivas às esferas pedagógica e laboral, mas também da dimensão da saúde física e emocional.

González, Fensterseifer, Weiler e Glitz (2013) observaram que a existência de uma cultura escolar a favor de uma função limitada ou ultrapassada para a Educação Física, pode gerar uma espécie de abandono do trabalho docente ou do compromisso da docência. No entanto, a ideia de abandono que a comunidade acadêmica entende não necessariamente se trata do afastamento do professor do tempo/espaço escolar, e sim do aspecto denominado como desinvestimento pedagógico. Em outra pesquisa que inter-relacionou o debate do trabalhador docente, Machado, Bracht, Faria, Moraes, Almeida e Almeida (2010, p. 132) compreenderam que “o desinvestimento pedagógico corresponde àqueles casos em que os professores de EF escolar permanecem em seus postos de trabalho, mas abandonam o compromisso com a qualidade do trabalho docente”. Nesse caso, ressaltamos que o desinvestimento ou abandono é fruto do contexto das condições

de vida e trabalho dos professores, somando-se ao uso frequente do corpo, o que acaba por desgastá-los fisicamente, além do desgaste mental, emocional e intelectual.

A condição do desinvestimento pedagógico significa que o professor vai buscar interpretar um estado emocional não condizente com a sua função laboral e pedagógica, visando a se adaptar à mesma bem como ao modo em que a Educação Física é projetada ou valorizada. No entanto, a falsa demonstração emocional pode aprofundar em processos contraditórios não apenas no viés pedagógico, como levá-los ao adoecimento, devido à ritualização ou naturalização de uma conduta mental e corporal.

Essa dimensão pode ser compreendida com o que Oliveira (2014) associa e denomina de dissonância emocional, quando o docente interpreta um papel durante o trabalho pedagógico que não é real de si, pois o articula com a forma de organização de como o trabalho está sendo entendido em cada cultura e sistema educacional. Todavia, o procedimento de seguir algum padrão ou ritual na jornada escolar pode levar os trabalhadores a um esforço muito grande para atingir certa conduta, ao passo que eles passam a gerir as suas emoções de acordo com um processo racional.

Também relacionado aos pressupostos da saúde emocional, Santini e Molina Neto (2005) perceberam que os docentes de Educação Física, que têm uma autopercepção de sentimentos negativos frente ao seu labor, podem desencadear problemas ainda mais graves, como a síndrome do esgotamento profissional. Estes autores constataram que a questão da saúde física e emocional são elementos significativos não apenas para a constituição do abandono do trabalho na visão do desinvestimento pedagógico, mas relacionada com a síndrome do esgotamento do sujeito. Da mesma forma, isso é ratificado em outros estudos apreendidos nesta revisão bibliográfica, quando foi evidenciado que o ambiente de trabalho pode se apresentar como uma dimensão que favorece para resultar uma síndrome de esgotamento futuramente.

Nessa conjuntura, o professor que queira ressignificar a sua realidade, mesmo que as contradições são objetos inerentes e necessários à transformação, deve ter uma maior dificuldade e sobrecarga à sua pretensão, o que pode levá-lo a circunstâncias de adoecer ou se desgastar física ou emocionalmente de modo mais acentuado (PICH; SCHAEFFER; PRADO, 2013). Entretanto, caso o ambiente de trabalho e a cultura escolar contenham uma compreensão mais coerente quanto à função social e transformadora de uma Educação Física à luz para a emancipação, os professores podem vir a apresentar menores incidências referente ao seu desgaste profissional. De toda a forma, ressaltamos que na escola e na organização do trabalho docente coexistem tanto de aspectos contraditórios

quanto de resistências, o que de uma forma ou outra, vem a corroborar que a funcionalidade dessa instituição nunca está pronta por si só.

Bernardi e Molina Neto (2016) ratificam que o trabalho docente, em particular do professor de Educação Física, é constituído de elementos contraditórios. Os autores reforçam da importância quanto à ideia de haver resistência da classe trabalhadora, visando a alteração do quadro e dos desafios impostos pelo sistema capitalista. Todavia, de nada adianta haver apenas o reconhecimento da profissão sem existir uma justiça redistributiva quanto aos vencimentos que esta classe trabalhadora deve receber, pois essas contradições também estão relacionadas com uma maior ou menor qualidade de vida do docente. Ou seja, a relação de um professor de Educação Física mais ou menos motivado e com alguma menor incidência de adoecimento, também perpassa por ele ter maiores condições de trabalho, reconhecimento e valorização para uma vida mais saudável.

A questão da motivação está entrelaçada a múltiplos elementos, como a satisfação de ser docente, o salário, o reconhecimento, o comportamento positivo com a alimentação, a atividade física, etc. Nesse sentido, existe a necessidade de os docentes adotarem comportamentos positivos referentes ao seu estilo de vida, como o fato de cuidar da saúde mental e física, mesmo com as adversidades e precarizações do exercício da docência. Outro ponto importante em relação as estratégias contrárias ao adoecimento precoce como ponto de prevenção, como uma forma de se evitar um quadro possível de esgotamento profissional, é a partir de implementações de políticas públicas que auxiliem na condição do trabalhador em educação e na sua qualidade de vida, amenizando no desgaste do corpo e do envelhecimento com menores danos psíquicos, de acordo com a sua estrutura organizacional (CAU-BAREILLE, 2014).

De modo geral, este estudo demonstrou que a saúde e a luta pelos trabalhadores em educação, nesse caso particular, da Educação Física, estão influenciadas conforme as premissas que o trabalho está organizado em cada ambiente e no sistema capitalista, o que pode resultar em menores ou maiores danos à saúde emocional ou física. Sugerimos que existam diferentes ações para a prevenção da saúde dos professores, bem como a realização de pesquisas empíricas com base no cotidiano escolar, para que se aprofundem e apresentem subsídios que auxiliem no debate entre trabalho, educação e saúde. Além disso, o diálogo com as condições de trabalho é fundamental para compreender os processos de esgotamento profissional e abandono do trabalho que vivem os professores de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Docente; Saúde; Educação Física; Esgotamento Profissional.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, Guilherme; MOLINA NETO, Vicente. Implicações da proletarização do trabalho docente na educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/36661>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

CAU-BAREILLE, Dominique. Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: elementos para uma abordagem sob o prisma do gênero. **Laboreal**, v. 10, n. 1, p. 59-78, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/5353>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

GONZÁLEZ, Fernando; FENSTERSEIFER, Paulo; WEILER, Renato; GLITZ, Ana. O abandono do trabalho docente nas aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, vol. 15, núm. 2, p. 1-16, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317534847_O_abandono_do_trabalho_docente_e_em_aulas_de_educacao_fisica_a_invisibilidade_do_conhecimento_disciplinar. Acesso em 02 de outubro de 2022.

MACHADO, Tiago.; BRACHT, Valter; FARIA, Bruno; MORAES, Claudia; ALMEIDA, Ueberson; ALMEIDA, Felipe. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, p. 129-147, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10495>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Andrade Juliana. O trabalho emocional no trabalho de professores de Educação Básica. In: MATSUO, Myriam; SOARES, A. S.; HIRATA, H. S.; SEGNINI, L. R. O trabalho emocional e o trabalho de cuidado. **I Seminário de Sociologia da Fundacentro**: São Paulo: Fundacentro, 2014, p. 57-67.

PICH, Santiago; SCHAEFFER, Pedro; PRADO, Lucas. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. **Revista do Centro de Educação**, v. 38, n. 3. Set-dez, p. 631-643, 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-64442013000300014&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16596>. Acesso em 12 de outubro de 2022.